

O Trem da **HISTÓRIA**

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

ARAXÁ, OUTUBRO DE 2001 - ANO 11 - Nº 32 - R\$ 3,50



**A Tecelagem
Manual**

pág. 23

**Proteger para manter
vivo**

pág. 02

Lugar de Memória

pág. 15

Quem Foi Quem

pág. 19



**Os 70 anos do
Colégio Dom Bosco**

Fábrica Aberta, o programa de visitas da CBMM.

A CBMM instituiu o Programa Fábrica Aberta para proporcionar à comunidade visitas à sua área industrial. Todo mês, sempre aos finais de semana, a companhia promove visitas em seu parque industrial,

recebendo diversos segmentos sociais de Araxá e região. Além disto, a CBMM está sempre aberta a visitas desde que agendadas, previamente, com a sua assessoria de comunicação.



EDIÇÃO

Glaura Teixeira Nogueira Lima
Maria Trindade C. Resende Goulart
José Antônio de Ávila Oliveira

CONSELHO EDITORIAL

Magaly Cunha Porfírio
Glaura Teixeira Nogueira Lima
Maria Trindade C. Resende Goulart
José Antônio de Ávila Oliveira

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Wallace de Rezende Torres - Reg.: MG-06.343JP

DIGITAÇÃO

Keyla Barbosa Machado

REVISÃO

Antônia Verçosa

LAY-OUT E ARTE FINAL

Imagem Propaganda

IMPRESSÃO

Gráfica Santa Adélia

Prefeitura Municipal

ARAXÁ

Renovação, Participação e Desenvolvimento
2001-2004

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ
PREFEITO

Antônio Leonardo Lemos Oliveira

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO
PRESIDENTE

Magaly Cunha Porfírio

Fernanda Alves Barcelo

Depto. Escola de Música "Maestro
Elias Porfírio de Azevedo" — DEM
Maria Leonor Teixeira Lemos

**Setor de Arquivos, Pesquisas
e Publicações — SAPP**

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Maria Trindade C. Resende Goulart
Maria Virgínia Rios do Amaral Valle

José Antônio de Ávila Oliveira
Maria Abadia Faria Silva

Setor de Patrimônio Cultural - SPC

Maria Dulce Ávila de Aguiar

Regina Aparecida de Oliveira

Setor de Projetos Especiais - SPE

Silvana Aparecida Alves Borges Batista

Cecília Angélica Machado de Paiva

Setor de Artesanato e

Cursos Livres - SACL

Terezinha Oliveira Lemos

Setor de Eventos - SE

Henrique Natal Vieira

Adolfo José do Nascimento
Leane Maria de Figueiredo Castro

Setor Administrativo-Financeiro - SAF

Elaine Aparecida Oliveira Farnesi de Araújo

Aparecida Marlúcia de Melo e Costa

 **Fundação Cultural
Calmon Barreto**

Praça Arthur Bernardes, 10 - Araxá/MG - 38.183-218
Fones: (34) 3691-7091 - 3691-7092 - 3691-7093
Fax: (34) 3662-1262 - E-mail: fccb@terra.com.br

As informações contidas nesta revista podem
ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Nesta Edição

Proteger para manter vivo
CODEMPAC _____

02

Esperando o Trem
Estação Memória _____

04

Colégio Dom Bosco
70 Anos _____

06

Lugar de Memória
Memória Fotográfica _____

15

Quem Foi Quem
Waldir Luiz Costa _____

19

Estação Memória
Dom José Gaspar de Affonseca e Silva _____

22

A Tecelagem Manual _____

23

Primeiras Palavras

O Trem da História vai indo. Mercê do esforço de nosso quadro de funcionários e da larga compreensão de nossa gente que, sempre, quando procurada, nos proporciona dados, fotos e documentos que são a essência dos registros que impulsionam o nosso "trem". Somos gratos. A nossa gente e o quadro de funcionários da Fundação, somados à boa vontade e compreensão de nossos dirigentes municipais é que nos têm permitido remontar o mosaico da realidade araxaense de tempos passados. E não é fácil, como não foi fácil para os que nos antecederam na condução desta casa que, em suma, é a casa do tempo de nossa cidade. Juntas, cultura e história, são o tempo em movimento.

Magaly Cunha Porfírio

Caro leitor

Muitas alternativas têm sido estudadas para mantermos O Trem da História em circulação. Tentamos driblar a escassez dos recursos financeiros, adotando o sistema de assinatura. O resultado obtido não foi suficiente para sanar as dificuldades. Ainda assim estamos insistindo. Esperamos sensibilizar mais assinantes e patrocinadores interessados em investir na construção da memória coletiva. Se você quer ser assinante ou pretende tornar-se um "mecenas", incentivando a cultura da nossa cidade, comunique-se conosco.

Proteger para manter vivo

A Proteção do Patrimônio Cultural em Araxá CODEMPAC

Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, a proteção ao patrimônio cultural ganhou um novo estímulo junto aos governos municipais, pois criou mecanismos de incentivos fiscais para aqueles que investem em seus bens culturais.

Esta Constituição determina que 75% do Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços, distribuídos aos municípios pelos Estados da Federação, devem ser repassados proporcionalmente ao volume de cada arrecadação municipal. O repasse dos 25% restantes deve ser feito conforme regulamentação estabelecida por Lei Estadual.

Em Minas Gerais foi criada, em 1995, a Lei n.º 12.040 que estabeleceu as normas de redistribuição dos 25% do ICMS sob novos critérios. Assim passaram a ser considerados os seguintes itens: população, área territorial, a receita própria de cada município, os investimentos em saúde, educação, agricultura e preservação do meio ambiente e do patrimônio cultural.

A Criação do CODEMPAC

Atendendo às exigências estabelecidas pelo IEPHA/MG - Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais -, o governo municipal criou, em 03 de novembro de 1997, a Lei n.º 3.330 que dispõe sobre a proteção do patrimônio cultural e natural de

Araxá. Esta mesma Lei autorizou o poder executivo a instituir o Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Artístico e Cultural de Araxá-CODEMPAC - que ocorreu em fevereiro de 1998 através de decreto municipal.

Este Conselho é constituído por 18 membros. Metade deles pertence ao poder público e a outra metade é formada por representantes de entidades e instituições da sociedade civil. Cabe ao CODEMPAC executar os tombamentos dos bens culturais relevantes para a preservação da memória cultural da cidade, assim como estar atento e vigilante para com a sua preservação.

É também função da equipe técnica do CODEMPAC elaborar e apresentar anualmente ao IEPHA a documentação relativa à política local de proteção e preservação, que servirá de base para o Estado calcular a porcentagem do repasse do ICMS do Patrimônio Cultural para o município. Essa documentação é composta pelos Dossiês de Tombamento, pelo Inventário de Proteção do acervo local, pela comprovação da atuação do Conselho Municipal e da equipe técnica, pelos Laudos Técnicos sobre os estados de conservação dos bens móveis e imóveis tombados, pela legislação referente ao planejamento e à política cultural praticados e pela comprovação de gastos em investimentos culturais. Portanto o

CODEMPAC é um importante instrumento de preservação da cultura local e de arrecadação para o município de Araxá.

Os repasses para Araxá

Em 1999, ano seguinte à implantação do CODEMPAC, o repasse do ICMS referente ao Patrimônio Histórico e Cultural atingiu valor de R\$ 149.366,60 (cento e quarenta e nove mil trezentos e sessenta e seis reais e sessenta centavos). Araxá ficou em 14º lugar entre todos os municípios mineiros, sendo superada principalmente pelos chamados municípios históricos, como Ouro Preto e Diamantina e pela capital. Ouro Preto ficou em 1º lugar com R\$ 336.292,68. Superamos municípios vizinhos como Uberaba e Uberlândia que tiveram os repasses de R\$ 99.767,12 e R\$ 62.533,29, respectivamente. Entre as estâncias hidrominerais ficamos em 1º lugar.

No ano de 2000, ultrapassamos a meta anterior e o valor foi de R\$ 193.818,79 (cento e noventa e três mil oitocentos e dezoito reais e setenta e nove centavos). Ficamos em 15º lugar no Estado. Em 2001 esperamos que se repita o mesmo valor e para 2002 (com os novos dossiês de tombamento encaminhados este ano ao IEPHA) a expectativa é de R\$ 300.000,00 para o valor do ICMS do Patrimônio Cultural.

Os Bens Tombados

Araxá possui, hoje, 10 bens culturais imóveis e centenas de bens móveis. Os bens imóveis são constituídos pela Igreja Matriz de São Sebastião, Museu Histórico de Araxá – Dona Beja, Complexo Hidromineral do Barreiro, Fundação Cultural Calmon Barreto, Igreja Matriz de São Domingos, praça Governador Valadares, antigo prédio do Banco Nacional, antigo prédio do Cine-Clube Brasil (atual Casa do Poeta), Árvore dos Enforcados e o Palácio Nagib Feres (Câmara Municipal).

Os bens móveis correspondem ao acervo do Museu Histórico de Araxá – Dona Beja e do Museu Sacro da Igreja de São Sebastião. Deve ser compromisso do poder público utilizar o repasse do ICMS do Patrimônio Cultural para preservação destes bens culturais. É responsabilidade do CODEMPAC zelar pelo bom uso destas verbas. É sempre bom lembrar que “o turismo nasceu em volta de bens culturais paisagísticos e arquitetônicos preservados”.

A composição do CODEMPAC

O Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Artístico e Cultural de Araxá é designado pelo Prefeito Municipal, com mandato coincidente com o do prefeito que o nomeou.

Atualmente é composto pelas seguintes entidades e

seus representantes:

- 05 representantes da Fundação Cultural Calmon Barreto: Magali Cunha Porfírio Borges, Glaura Teixeira Nogueira Lima, Maria Dulce Ávila de Aguiar, Maria Trindade Coutinho Resende Goulart, José Antônio de Ávila Oliveira;
- 01 representante da Câmara Municipal: Miguel Alves Ferreira Júnior;
- 03 representantes da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano: Odilon Carlos Carneiro, Marcelo Gusmão Machado, Rosângela Eugênia do Amaral Rios;
- 02 representantes da Comunidade: Isabel Maria Tannús e Dilma Dutra Borges de Castro;
- 01 representante da Fundação Cultural de Araxá: João Rios Montandon;
- 01 representante da Imprensa: Ana Paula Machado Kikushi;
- 01 representante da Associação Comercial e Industrial de Araxá – ACIA: Zulma das Graças Rezende de Carvalho;
- 01 representante do Lions Clube de Araxá: Reginaldo Willian Farnesi;
- 01 representante da Câmara de Dirigentes Lojistas de Araxá – CDL: Silvana Solé Lopes;
- 01 representante do Clube Soroptimista: Terezinha de Melo Côrtes;
- 01 representante da 33ª Subseção da OAB Araxá/MG: Gualter Goulart Júnior;
- Suplentes: Maria Leonor Teixeira Lemos, Maria Antonieta Ávila de Oliveira, Henrique Natal Vieira, Silvana Aparecida Alves Borges Batista, Conceição Rosa de Mesquita.

O que é Patrimônio Cultural?

É o conjunto de bens culturais de uma sociedade. O patrimônio cultural de Araxá é composto de todos os bens culturais portadores de identidade, valores e memória que podem e devem ser legados às gerações futuras. Eles podem ser materiais, como um conjunto arquitetônico ou paisagístico, ou imateriais, como uma Folia de Reis ou outras manifestações artístico-culturais.

O que é Tombamento?

Tombamento é o instrumento utilizado para proteger um bem cultural, buscando preservar suas características, sua importância histórica e a continuidade da memória. É o ato de reconhecimento do valor cultural de um bem, que o transforma em patrimônio oficial e institui regime jurídico especial de propriedade, levando em conta sua função social. Um bem de propriedade privada, quando tombado, não o torna necessariamente público e pode manter sua utilização original.

Fonte:
Arquivos do SAPP/FCCB.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é Patrimônio Histórico*. São Paulo/SP: Editora Brasiliense, 2ª ed., 1982.

RANGEL, Carlos Henrique. A *Descentralização da Proteção em Minas Gerais*. Belo Horizonte: IEPHA, 2001.

Pesquisa e Texto: José Antônio de Ávila Oliveira.

Esperando o Trem

Estação Memória

O Antigo prédio da Estação, hoje sede da Fundação Cultural Calmon Barreto e o seu entorno são bens imóveis tombados pelo município desde 1990.

De acordo com os padrões de formação das cidades no Brasil, a primeira praça era sempre a da matriz, a segunda destinava-se à primeira escola pública e a terceira, geralmente, sediava a rede ferroviária.

Araxá seguiu esta tendência de ocupação urbana. Cresceu em direção ao sul, rumo ao local onde se encontram as fontes de águas minerais do Barreiro.

Partindo da antiga praça da Matriz, hoje Coronel Adolpho, estendeu-se à outra praça, a d'Abadia. Nesta foi construída, em 1911, a primeira escola pública, ou seja, o Grupo Escolar Delfim Moreira, no mesmo lugar onde está o Colégio São Domingos. A edificação da atual Igreja Matriz, ocorrida entre 1917 e 1948, fez parte do projeto de remodelação da praça.

Praças

A expansão da cidade favoreceu a criação de outras praças. A praça da Conceição, atual Governador Valadares, ganhou um novo delineamento com jardim, gruta de N. Sra. de Lourdes e coreto, inaugurados em 1918.

Seguindo o crescimento urbano reservou-se um espaço para instalar a sede local da rede ferroviária. Para isso foi planejada uma praça com traçado geometrizado, diferente

das anteriores.

Em agosto de 1926, a Câmara Municipal de Araxá denominou a praça da estação que se construía, de praça Arthur Bernardes, em homenagem ao mineiro que exercia a presidência do Brasil no período entre 1922 e 1926.

Araxá reivindicava uma estrada de ferro desde a última década do século XIX. O significado do novo meio de transporte como acesso mais fácil à cidade e a imponência do prédio da Estação anunciaram a chegada de uma nova era.

Oeste de Minas

O belo prédio em estilo neoclássico foi inaugurado em novembro de 1926 quando a Estrada de Ferro Oeste de Minas alcançou Araxá, pela primeira

vez, trazendo duas locomotivas e a equipe da "Oeste". O momento foi saudado pela população em meio aos discursos das autoridades e à apresentação da Banda Santa Cecília.

Na placa afixada no saguão do prédio lêem-se os nomes dos responsáveis pela obra:

*"E. F. Oeste de Minas
Administração: 1922-1926"*

*Eng.º José de Almeida Campos Júnior
(Director)*

*Dr. Ovídio João Paulo de Andrade
(Chefe do Tráfego)*

*Eng.º João Baptista de Almeida
(Chefe da Locomoção)*

*Eng.º Fernando Dias Paes Leme
(Chefe da Linha)*

*Eng.º Pedro de Alcantara A. Magalhães
(Chefe da Construção)*

Eng.º Virgílio J. Monteiro Bastos"

Antes mesmo da estréia da ferrovia, a Câmara Municipal havia deliberado, em agosto de 1926, que a rua Goyaz passaria



Antiga Estação da Estrada de Ferro Oeste de Minas, hoje sede da Fundação Cultural Calmon Barreto, onde se vê a primitiva praça Arthur Bernardes. Década de 1930. Arquivo SAPP/FCCB - 00337.



Fachada da Fundação Cultural Calmon Barreto. 07/06/2001. Arquivo SAPP/FCCB.
Fotografia: João de Lima.

a se chamar rua Almeida Campos em reconhecimento ao trabalho do então diretor da Oeste de Minas.

A partir desta data, as propagandas que divulgavam alguns dos hotéis de Araxá indicavam como vantagem, nesse caso, o fato de esses estabelecimentos localizarem-se próximos à Estação. Esta, por muito tempo, foi a referência do ponto mais alto da cidade, pois todo o espaço posterior a ela era um imenso campo.

Praça da Estação

Em 1930, na administração do Dr. Hugo de Rezende Levy, a Câmara aprovou um projeto que determinava a cons-

trução da praça, uma vez que todo o espaço frontal ao prédio ainda não havia sido delineado. Embora a praça já fosse denominada oficialmente de *Arthur Bernardes* mantinha-se presente no imaginário dos habitantes como *Praça da Estação*.

Esta praça figura como um autêntico exemplar do nosso patrimônio histórico e cultural. No passado abrigou o prédio da Estação e a residência do responsável pela Estrada de Ferro, proporcionando a circulação diária de passageiros, de mercadorias e de idéias. Hoje, o primeiro sedia a Fundação Cultural Calmon Barreto com os setores de Arquivos, Pesquisas e Publicações; de Artesanato e Cursos

Livres; de Projetos Especiais; de Eventos; de Patrimônio Cultural e a segunda abriga a Escola de Música da mesma Fundação. Esta instituição pratica o compromisso de integrar o passado ao presente, preservando tradições, incentivando talentos e permitindo à população o direito de conhecer a sua própria história.

A Praça da Cultura

A praça Arthur Bernardes da atualidade acolhe ainda outros elementos da nossa cultura. Nela estão:

- Altar da Pátria transferido da Av. Antônio Carlos onde fora construído originalmente em 1965, por ocasião das comemorações do centenário de Araxá;
- Uma árvore plantada durante a confraternização da Família Santos, em 15/07/1956;
- Uma Placa Comemorativa aos 25 anos de serviços do *Lions Club de Araxá José Porfírio de Oliveira*;
- A partir de 1985, uma escultura em sucata homenageando o ferroviário, assinada pelo artista Aloísio Zema Rosa;
- Pau-brasil, árvore plantada em 22 de abril de 2000 durante as comemorações dos 500 anos do Brasil, em cerimônia realizada simultaneamente em todo o país.

Fonte:
Arquivos SAPP/FCCB.
SEBASTIÃO DE AFFONSECA e Silva. Adm. Dr. Hugo Levy—1930.
SEBASTIÃO DE AFFONSECA e Silva. Relatório A. Catela—1943.

Pesquisa e Texto:
Glaura Teixeira Nogueira Lima

Vista aérea das instalações do Colégio Dom Bosco. 1950/1952. Arquivo SAPP/FCCB - 00213. (Doação: família Augusto Eduardo Montandon).

Colégio Dom Bosco

(1931-2001)

Os 70 anos de "dombosco.com.voce"

São chamados de "Livros de Crônicas" aqueles em que os salesianos anotam o cotidiano do Colégio Dom Bosco desde a sua fundação. Esses livros deram o suporte a esta pesquisa. No entanto, não foi possível localizar as anotações referentes a dois períodos: 1943 a 1948 e 1970 a 1975. Nestes anos, outras fontes foram consultadas; ainda assim, a lacuna não pôde ser preenchida já que os relatos diários, mensais ou anuais feitos pelos padres diretores têm características muito específicas.

Por outro lado, esses relatos seguem critérios diferentes, conforme a visão de quem os escreveu. Assim foi norteadada esta pesquisa.

726 páginas dos 4 "Livros de Crônicas" do arquivo do Colégio Dom Bosco foram lidas e resumidas por 3 pesquisadores. Foram 5 meses de convívio com o tema e com o material de pesquisa, extraído ainda de cuidadosa busca nos arquivos desta Fundação.

O resultado da pesquisa agora publicada comprova, mais uma vez, a união do poder público com os salesianos durante os 70 anos de história do Colégio Dom Bosco.

Essa parceria começou com

a chegada da congregação salesiana em 1926, quando a Diocese de Uberaba entregou a nossa paróquia aos padres que fundariam aqui uma instituição de ensino.

Chegam os Salesianos

Até então, as crianças de Araxá somente podiam estudar em escolas particulares que se abriam mas que, quase sempre, não conseguiam manter-se por muito tempo. Era costume, para quem dispunha de recursos,

contratar professores particulares para alfabetizarem os filhos.

O ensino público infantil foi resolvido, em parte, com a criação do Grupo Escolar Delfim Moreira em 1911. Alguns jovens haviam tido oportunidade de estudar no Instituto Delfim Moreira, fundado em 1917 pelo professor José Bento Coelho mas que, também, não teve uma duração longa.

Diante dessas dificuldades, alguns poucos privilegiados podiam enviar seus filhos para centros educacionais tradicional-

mente destinados à elite. Dentre esses estão Oliveira, Juiz de Fora, Belo Horizonte, Uberaba, São Paulo e Itu, principais cidades escolhidas pelas famílias araxaenses.

Assim os Colégios São Domingos e Dom Bosco, fundados respectivamente em 1928 e 1931 representaram um avanço no ensino da cidade.

Os primeiros salesianos aqui chegaram no dia 4 de fevereiro de 1926, após a partida do vigário, Pe. André Aguirre. Por isso coube ao Cônego Pedro Pezzuti recepcionar a nova equipe que residiu inicialmente nas dependências da “Casa Santos & Irmão”. Foram eles: Pe. Vicente Prianti (vigário), Pe. José Piasek (coadjutor) e Raphael Iberto (sacristão).

Inauguração

De 1926 a 1930, os salesianos dedicaram-se aos trabalhos da paróquia. Em 1928 o vigário, Pe. Vicente Prianti, foi substituído pelo Pe. Atilio Cosci. Dois anos depois chegou a Araxá o novo vigário, Pe. Antônio Marcigaglia, que foi o salesiano que concretizou o projeto do colégio, inaugurado em 11 de fevereiro de 1931.

A Diocese chegou a escolher um local “próximo ao Orfanato” para construir o colégio dos salesianos. Não encontramos referências sobre a localização exata desse terreno. No entanto o novo colégio foi instalado no prédio construído originalmente para ser o “Grande Hotel”. Seus proprietários, os sócios Dr. Pedro Pezzuti e José Porfírio Ferreira o venderam por 300 contos de réis aos salesianos que, por sua vez, inves-

tiram outros 100 contos para adaptá-lo para escola. Em 1930 Pe. Marcigaglia solicitara ao prefeito interino Dr. Hugo de Rezende Levy a colaboração do município para criar um colégio para meninos, oferecendo os cursos “Primário e Complementar, Comércio e Agronomia”.

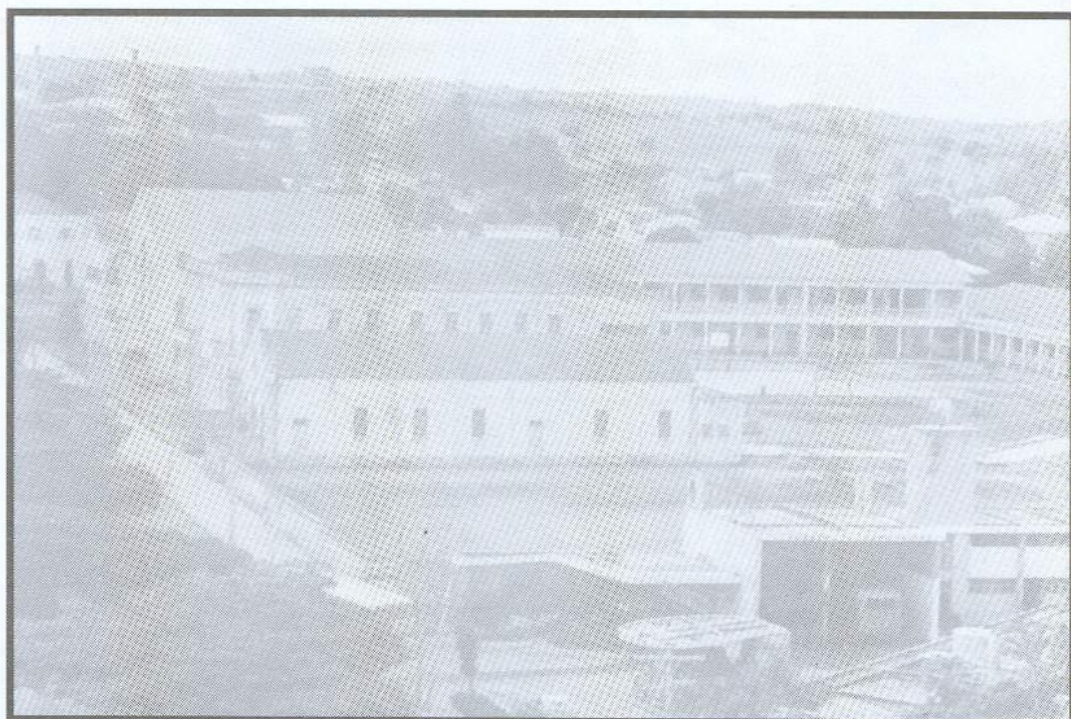
O Conselho Deliberativo Municipal que exercia, naquele momento, as funções do legislativo, isentou o colégio das taxas de transmissão para compra do prédio, de água, de luz e de lixo, dos impostos (predial e de indústria e de profissão) e concedeu uma subvenção anual. Esses itens foram negociados por prazos que variavam de 7 a 15 anos. Por outro lado, foram definidas algumas prerrogativas à municipalidade: além das aulas terem que começar em março de 1931, seriam concedidas bolsas ou “*pensão gratuita*” a nove alunos indicados pelo Prefeito, pelo Presidente do Conselho Deliberativo Municipal e pelo Diretor do Grupo Escolar, escolhidos entre aqueles que conseguissem

melhores resultados nas provas finais da 4ª série.

No momento da inauguração a equipe salesiana era assim formada: Pe. Antônio Marcigaglia (vigário e diretor do colégio), Pe. Leão Muzzarelli (pró-vigário), Pe. José Piasek (auxiliar), Pe. Mário Forgioni (conselheiro escolar), José Victoroski (assistente), sacristãos Raphael Iberto e Valentim Barbieri (também professor). No setor administrativo trabalhavam Areovaldo Affonso e Acrísio Ferreira.

Professores

O corpo docente, como costume da época, era composto, na maioria, por profissionais liberais de renome que ingressavam informalmente no magistério. Assim, lecionaram na estória: Dr. José de Almeida Machado, Dr. Honório de Paiva Abreu, Dr. José Ferreira, Dr. José de Carvalho Lopes, Dr. Joaquim Antônio de Aguiar, Dr. Thomaz de Almeida, Dr. Emmanuel Gianni, Celidônio de Affonseca e



Vista lateral da Capela, do antigo Colégio e do atual. Maio/1961. (Acervo: Colégio Dom Bosco).

Silva e Rodolpho Klindé. Pouco depois a equipe de professores passou a contar com Antônio Machado, Edmar Garcia Pinto, Dr. Américo Dentele e Dr. José Maria de Lima Torres.

No primeiro ano, matricularam-se no curso preliminar – o único oferecido, a princípio – 16 alunos internos e 106 externos.

Turma de Reservistas

Em 1932 o “Dom Bosco” foi reconhecido oficialmente. Além disso foi fundada, no colégio, a Escola de Instrução Militar – E.I.M. 225 – formando com “honras e glórias”, em dezembro de 1933, a primeira turma de reservistas.

A leitura da crônica mostra, pela primeira vez, o registro da chegada de religiosos que vêm para fazer tratamento médico no Barreiro, hospedando-se no colégio. Antes disso, os padres atraídos pelo poder curativo das

nossas águas eram hóspedes da paróquia. Suas presenças na cidade sempre foram noticiadas pela imprensa, como provas das nossas potencialidades turísticas.

Com 130 alunos externos e 37 internos, o colégio foi equiparado à condição de “estabelecimento livre de ensino secundário” em 1935. A partir de 1936 passou a contar com todas as séries do curso ginásial.

1936 estreou com 185 alunos matriculados e com o Pe. Emílio Philippini à frente do colégio e da paróquia. Veio substituir aquele que seria eternizado como o fundador da obra salesiana em Araxá: Pe. Antônio Marcigaglia.

Pe. Philippini começou uma nova etapa após o período inicial de implantação. Considerou como medidas necessárias ampliar as salas de aula e construir uma capela, um salão de teatro e “instalações higiênicas” para os

dormitórios, no andar superior.

Inovações

Tais prioridades seriam justificadas pela linha de trabalho do diretor-vigário. Pe. Philippini adotou a missa diária, celebrada para os alunos na Matriz até a inauguração da Capela Dom Bosco que acontecerá em julho de 1937.

Nas festas de formaturas, nos aniversários dos diretores e em outras comemorações eram representados dramas e comédias, envolvendo alunos e professores. Encontros artístico-literários e números musicais faziam a pauta das programações. Por inúmeras vezes a Orquestra dos Irmãos Porfírio ali se apresentou.

Ao lado do teatro, as partidas de futebol, vôlei e basquete sempre receberam grande incentivo da direção.

Nesse tempo, as férias escolares do meio do ano (de 15 dias) aconteciam na 2ª quinzena de junho. No retorno às aulas, em julho de 1936, o colégio recebeu a visita do Bispo Dom José Gaspar que ali rezou uma missa, ainda na capelinha. Em retribuição Dom José foi agraciado com uma “sessão lírico-musico-dramática”.

Contando com as presenças dos alunos, as datas do calendário católico eram celebradas religiosamente. Os dias de Nossa Senhora Auxiliadora, São João, São Domingos, São Domingos Sávio, São João Bosco, São José, Divino Espírito Santo, Cristo Rei, “Todos os Santos”, São Sebastião, Santos Reis, Santíssimo Corpo de Deus, Pentecostes, Santíssima Trindade, São Francisco e Santa Cecília eram momentos de formar os alunos



28 de Maio - Estreia do Uniforme de Gala - Araxá, 1945

para a fé católica. Nessas ocasiões, acrescidas dos festejos de Corpus Christi e da Semana Santa, a comunidade escolar participava maciçamente das procissões.

Em outubro de 1936 aconteceram, quase que simultaneamente, a fundação da Congregação Mariana e a inauguração solene da estátua de São João Bosco no altar da capelinha.

As associações religiosas como a dos "Marianos", a dos "Cooperadores da Obra de Dom Bosco" e a dos "Devotos de Nossa Senhora Auxiliadora" integravam-se aos alunos, às suas famílias e aos fiéis. Na festa de Nossa Senhora Auxiliadora, em 24 de maio de 1939, por exemplo, todos reuniram-se na praça Dom Bosco. Houve exposições de números de ginástica, hasteamento de bandeiras e procissão pelas ruas da cidade.

Os Primeiros Bacharéis

A primeira turma de formandos do colégio – os bacharéis de 1936 – está celebrizada na crônica salesiana e no interior da própria turma que se reúne, ainda hoje, para confraternização.

As formaturas dos bacharéis representavam um momento especial para a comunidade araxaense. O bispo e as autoridades municipais participavam solenemente da programação, registrada por uma inovação ainda rara: a "objetiva photographica".

Em fevereiro de 1937 chegaram novos salesianos, dentre estes o Pe. Clóvis Costa Ramos Vila Nova. Como conselheiro escolar permaneceu em Araxá até 1939. Retornou em 1943 e

aqui viveu até 1953, período em que formou uma banda de música, indispensável às festividades locais. Os jovens músicos percorreram inclusive outras cidades, apresentando-se sob a regência de Pe. Clóvis.

A partir de 1937 o diretor do colégio deixa de ser o vigário. Enquanto Pe. Philippini permanece na direção o vicariato passa ao Pe. José Tavares Baeta Neves.

A Capela

Nesse período, uma série de iniciativas foi introduzida.

O prédio sofreu pequenas reformas, dentre estas, a criação de um jardim entre as duas alas do prédio. Foi inaugurada a capela dedicada a São João Bosco, um projeto acalentado pelo Pe. Philippini que a considerava "absolutamente necessária para o colégio". Nela, a primeira bênção nupcial foi dada aos noivos Maria Santos Teixeira e Dr. Tibúrcio Afonso Teixeira em 22 de

setembro de 1937. Um mês depois, inaugurava-se o coro da capela que sediou a formatura da 2ª Turma de Bacharéis.

Com o título "Harpa Colegial" foi lançado o primeiro número do jornal do colégio. Outro informativo, "O Noticiário", teve seu primeiro número publicado em 1958. Durante muito tempo as notícias da escola apareceram apenas nos murais. Décadas depois, em pleno ano 2000, é possível ler o "dombosco.com.voce".

Os uniformes dos estudantes sempre foram motivo de orgulho da família salesiana. Por isso, a estréia de um modelo novo, próprio para "evoluções, exercícios de ginástica e jogos esportivos", mereceu registro especial na crônica.

O hábito tradicional dos "Retiros Espirituais" foi adotado, ainda em 1937, ao mesmo tempo em que a Orquestra dos Irmãos Porfírio fazia a abertura do "novo Salão de Teatro do colégio".



Salesianos. Em pé, da esquerda para a direita: Raphael Iberto. Sentados, da esquerda para a direita: Pe. José Piasek, Pe. José Tavares Baeta Neves, Pe. Emilio Philippini, Pe. Clovis C. Ramos Vila Nova, Pe. José Jany. 1938. (Acervo Colégio Dom Bosco).

Datas Cívicas

Nas datas cívicas como o "21 de abril", o "1º de maio" e o "7 de setembro" havia hasteamento de bandeiras, canto do hino nacional, discursos, números musicais (professores e alunos ao piano, violino e viola) e "passeata dos alunos" pelas ruas centrais.

No "7 de setembro", em 1938, foi inaugurada a bandeira oficial do colégio, idealizada pelo Pe. Philippini. O ato da bênção foi paraninfado pelo casal Dr. Danilo Cunha e Dalcy Santos Cunha. Ele, como inspetor federal do ginásio, sempre abria as cerimônias solenes. Posteriormente foi designado para ocupar este cargo o Dr. Christiano Barsante Santos.

Entre 1938 e 1940 prosseguiram-se os melhoramentos. Houve as inaugurações do "Campo de Basquete", do Oratório Festivo São José e de uma "lápide com o nome dos que auxiliaram a construção da Capela Dom Bosco".

Estavam, então, sob a responsabilidade dos salesianos "o ginásio, a paróquia, a Santa Casa, o Orfanato e 3 capelas".

O Internato deixou de funcionar, pela primeira vez, em 1940, ano em que o cotidiano escolar foi brindado com visitas excepcionais como a do Presidente Getúlio Vargas e a de Dom José Gaspar de Affonseca e Silva.

Durante a estada do Presidente em Araxá, ao lado do Governador Benedito Valadares, o diretor e os padres não só foram recepcioná-los, como também lideraram os alunos na parada que reuniu "colégios, operários e povo" e na missa realizada no Estádio Fausto Alvim.

No Barreiro, Pe. Philippini teve uma audiência com o então presidente. Na pauta, a possibilidade de os salesianos criarem uma escola profissional com subvenção federal. A receptividade de Vargas não fora suficiente para que o projeto fosse implantado naquele momento. Os primeiros registros de sua existência datam de 1952.

A Fanfarra

No último ano de sua administração (1930-1940), o prefeito Fausto Alvim presenteou com os instrumentos a fanfarra

que acabara de ser criada.

Durante todo ano de 1941, os alunos tiveram participação na liturgia da "Missa das 9", com confissões semanais e até diárias. Nesse mesmo ano chega o coadjutor Benedito de Souza e Silva para ser o sacristão da Matriz.

Antes de deixar a direção do colégio em 1942, Pe. Philippini concluiu a construção do muro que cercava toda a sua área. Afirmou que deixava quitada todas as dívidas, tanto do colégio quanto da paróquia, da qual permanecia como vigário.

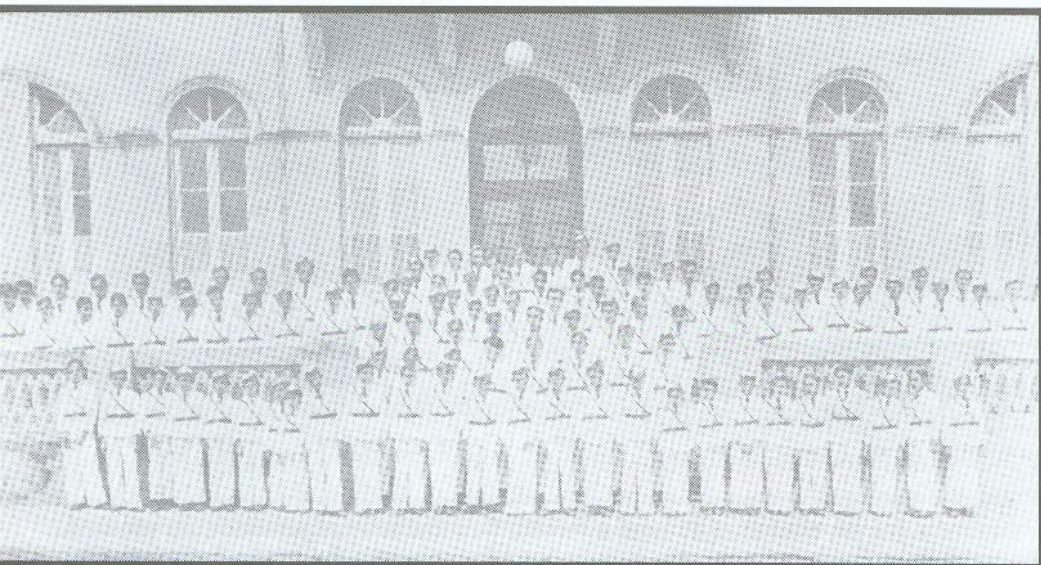
Um dos pontos fortes que a leitura dos livros de crônica oferece é a possibilidade de acompanharmos o crescimento do colégio, inserido na realidade de Araxá e do próprio país.

Notícias

Assim, a "Semana da Pátria" de 1942 começou com uma missa para as vítimas dos navios brasileiros torpedeados durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 27 de agosto de 1942 Araxá parou, estarrecida, com a notícia da morte de Dom José Gaspar. Não houve aulas. Réquiem foi celebrado na Matriz. Dentre os mortos no acidente estavam, além dele, o seu secretário particular, Pe. Néilson Norberto, o Mons. Alberto Teixeira Pequeno e o jornalista Cásper Líbero, então diretor de "A Gazeta". Em São Paulo milhares de pessoas assistiram ao funeral do araxaense, Arcebispo de São Paulo.

Em 1948 a visita do presidente Gal. Eurico Gaspar Dutra a Araxá reuniu o diretor Pe. Alfredo Bortolini e um



Alunos internos e externos. 1938 . (Acervo Colégio Dom Bosco).

grupo de alunos para recepcioná-lo no “campo de aviação Caetitu”. Do desfile realizado na rua Pres. Olegário Maciel participaram todos os alunos e a Banda Infantil Dom Bosco.

Em 1945, durante uma excursão dos alunos à “Cachoeira Pai Joaquim” houve um trágico acidente, em que morreram afogados o Pe. José Três e o aluno Luiz Diomedes Santos. Passados 3 anos, os salesianos revisitaram o local. No mesmo dia, 27 de setembro, acompanhados dos estudantes foram ao cemitério onde houve bênção e discursos.

Nos anos que se seguiram à tragédia constantes referências foram feitas ao acontecimento.

As bodas de prata e de ouro das ordenações dos sacerdotes foram sempre comemoradas. Há também aquelas em que os padres araxaenses vinham celebrar as primeiras missas de cada um deles. Pe. Henrique Ribeiro de Brito reza a sua, pela primeira vez, em 24 de dezembro de 1949, na Matriz. Pe. Renato Ribeiro Dumont, em 1º de janeiro de 1961 e os primeiros salesianos de Araxá, Pe. Evaristo e Eduardo Afonso, faziam suas bodas de prata sacerdotais em novembro de 1969. Em 1981 seria a vez do atual vigário, Pe. José Perfeito, reviver os seus 25 anos de ordenação.

Mudanças

1950. Dois momentos marcaram o início do ano para os salesianos. O primeiro, a partida do Pe. Emílio Philippini depois de 14 anos de trabalho. (Um ano depois, Pe. Philippini retorna, novamente, como vigário).

O segundo momento culminou com um feriado municipal. Foi quando a Seleção Brasileira de Futebol chegou a Araxá e os salesianos foram ao aeroporto recepcionar os jogadores.

Anos depois, a seleção canarinho retornou concentrando-se para o Mundial de 1958. As crônicas registraram os dias de jogos do Brasil e o placar, até a vitória final na Suécia.

Duas décadas depois de implantado o colégio, o número de alunos cresceu, tornando insuficiente o espaço físico adaptado do antigo “Grande Hotel”. Por isso, em 1954, começaram os preparativos para a construção de um novo edifício, projetado pelo engenheiro arquiteto Dr. Osvaldo Santa Cruz Nery e executado pelo construtor Valentino Antônio Seno.

As obras tiveram início em 13 de fevereiro de 1955, “com a bênção de Dom Bosco”.

Bodas de Prata

Os 25 anos do colégio –bodas de prata– foram celebrados pelos salesianos, alunos, ex-alunos e cooperadores com missas, conferências, jogos de tênis, futebol, vôlei e pingue-pongue, hasteamento das bandeiras, bênção do novo edifício, apresentações de ginástica, de teatro e números musicais.

A programação contou com a presença do Pe. Marcigliola, recebido festivamente pelos alunos. Durante uma semana do mês de outubro – nos dias dos festejos a São João Bosco – aconteceram muitas solenidades e as principais foram transmitidas pela Rádio Imbiara.

O ano letivo de 1957 já

começou no prédio novo, ainda por terminar. A Prefeitura colaborou fazendo o jardim frontal e a terraplenagem do pátio.

Nesse momento o edifício do “Grande Hotel”, onde funcionava o colégio por mais de duas décadas, mantinha-se em pé, embora não mais estivesse ocupado. Seria demolido em 1963 para, no seu terreno, construir o restante do projeto inicial.

Curso Científico

O passo seguinte, com vistas à consolidação do colégio, foi a abertura do curso científico em março de 1958. Para isso, a administração municipal, através do Prefeito Domingos Santos, foi novamente uma grande parceira.

Tanto é que, no Natal de 1958, a crônica saudou a iniciativa de o prefeito promover uma festa, na praça da Matriz e na rua Boa Vista, com “farta iluminação multicolor, procissão integrada de crianças vestidas de pastorinhas e pastorinhos, com repertório musical, religioso, bucólico e recreativo”.

Notícias do final da década de 50 davam um panorama da vida araxaense. Dr. Milton Tomasovich era então o “médico da casa” a quem se confiava a saúde dos salesianos.

Enquanto se construía a capela de “Santo Antônio do Barro Alto” pelo Pe. Anacleto Girardi, inaugurava-se a capela do Orfanato Santa Teresinha. Na esfera educacional foi registrado que os professores estaduais paralisaram as aulas para reivindicarem aumento de salário.

Brasília havia sido inaugurada meses antes e o então de-

putado federal, o araxaense Dr. Paulo de Tarso Santos, chegava a Araxá para ser o paraninfo dos terceiranistas do científico. Posteriormente, em agosto de 1963, o Pe. Diretor, Pe. Newton Ambrósio, iria até a capital federal encontrar-se com Dr. Paulo de Tarso, àquela altura, Ministro da Educação. Ao Ministro, ex-aluno do colégio, foi solicitada a colaboração para o término das obras do Dom Bosco de Araxá.

Novamente o Ministro da Educação é recepcionado pelos alunos que desfilam em sua homenagem. Os contatos dos salesianos com as elites políticas se intensificaram. O Brigadeiro Eduardo Gomes recebeu a comunhão na capela do colégio e, no Grande Hotel, o Governador Magalhães Pinto ouviu o Prefeito Heli França sobre as dificuldades das nossas escolas em relação às bolsas de estudo. Juscelino Kubitschek foi recebido na cidade como Senador pelo Estado de Goiás.

Com direito ao corte de fita, o colégio chegou a inaugurar, nesse período, a sua sorveteria própria. Foram também introduzidos o Rádio Amador e os serviços de som estereofônico.

Comemorações como a do dia dos pais e do dia das mães passaram a fazer parte do calendário escolar, junto aos 415 alunos matriculados em 1963.

Revolução

O primeiro dia de 1964 foi registrado com uma inscrição que desenhava o quadro político da época: *"Apesar das alegrias do novo ano, com as boas festas sociais, sentimos uma tensão nacional pesada, com rumores de reformas, greves, revoluções"*.

Em abril daquele ano o diretor e o vigário foram convidados para uma reunião no Fórum a fim de tomarem conhecimento dos planos do *"Comando Geral da Revolução"*. O objetivo específico do encontro foi o de *"procurar descomunicar principalmente a juventude"*.

Em Araxá, segundo a crônica, a *"Marcha da Família com Deus pela Liberdade"* foi *"uma apoteose"* e somente o Colégio Dom Bosco e o Tiro de Guerra desfilaram no *"7 de setembro de 1964"*.

Outras novidades do ano na cidade seriam a inauguração da engarrafadora de água da Hidrominas pelo Governador Magalhães Pinto e, na vida religiosa, a introdução do idioma português na celebração das missas, em substituição ao latim.

Na festa do Centenário, em 1965, houve missa concelebrada na praça da Matriz. Da cerimônia participou o Pe. Marcigaglia que aqui se encontrava para *"matar saudades e morrer em Araxá"*.

Antes de falecer, em 4 de junho de 1966, o padre fundador viu seu retrato ser exposto ao lado do de Pe. Philippini, na galeria do colégio.

Nos últimos anos da década de 60 a comunidade salesiana vivia o clima das tentativas de greve estudantil, mas os desfiles de estudantes, ao som da fanfarra do colégio, despertavam grande interesse na população.

Outros assuntos envolviam intensamente padres e alunos como, por exemplo, a expectativa dos jogos do Araxá Esporte Clube contra os times do Atlético Mineiro e do Cruzeiro. Tanto é que, quando o Cruzeiro jogou

contra o *"Araxá"*, em junho de 1969, provocou o adiamento da procissão de Corpus Christi por 2 dias.

Utilidade Pública

Com 409 alunos matriculados nos cursos de admissão, ginásio e científico, o colégio foi declarado de utilidade pública em 1968.

A partir desse período o corpo docente foi renovado, com preferência pelo elemento masculino. O argumento em favor dessa opção baseou-se na não aceitação do professorado feminino por parte dos alunos.

Pela segunda vez, uma experiência foi colocada em prática gerando resultados positivos. Teve início o curso de alfabetização de adultos, ministrado por alunos da 4ª série ginásial e do científico, sob a orientação do Pe. Diretor Sylvio Bianchi.

Dino Afonso

Durante um almoço festivo no dia 8 de dezembro de 1969 (dia em que se comemorava o aniversário de ordem da maioria dos sacerdotes) foi lembrada a importância do araxaense Areovaldo Afonso – o Dino – para a história do colégio. *"Dino"* Afonso foi quem emprestou o dinheiro que possibilitou a compra do prédio do *"Grande Hotel"* para a instalação do *"Dom Bosco"*.

Em meados dos anos 70, quando se completavam cinquenta anos da chegada dos salesianos, houve uma missa comemorativa reunindo a equipe que se encontrava à frente do colégio e alguns membros das anteriores. Pouco depois, falecia o

funcionário Antenor Duarte que ali trabalhou, como faxineiro, por 35 anos.

Além da nova orientação implantada no ensino, em virtude de inovações legais, o diretor Pe. Hélio Comissário conseguiu com a direção do Colégio São Domingos fazer a intercomplementação do 2º grau. Quando deixou a direção em 1976 pôde ser anotado que: "(...) o colégio teve sua reforma material em acabamentos de ambientes, inovações e a urbanização de todo o pátio, coroada com a piscina".

Se, no final dos anos 60, as greves não eram bem vistas, uma década depois, o colégio paralisou as aulas por um dia, em solidariedade aos professores que pleiteavam melhores salários. As escolas estaduais empreendiam lutas nesse sentido que se prolongavam por muito mais dias.

No início da década de 80 o colégio recebia uma visita de cortesia de Dom Luciano Mendes de Almeida e já se notava uma redução do número de alunos.

Reconhecendo o período como sendo de uma grande crise econômica, afirmava-se que o equilíbrio financeiro estava sendo mantido. Posteriormente, em 1982, "chegou-se a pensar e estudar o fim do Dom Bosco de Araxá".

No momento da eleição do presidente Tancredo Neves a atmosfera de renascimento da democracia atingiu o colégio. Houve investimentos nas quadras esportivas e introduziu-se uma fórmula diferente de registrar a "Semana da Pátria". Ao invés de desfile estudantil, como já não acontecia há alguns anos, os alunos fizeram reflexões sobre

a realidade brasileira.

Novos Movimentos

Movimentos como o da Renovação Carismática ou o Movimento Negro - MONAVA - foram anunciados como próprios das transformações e das exigências atuais.

Em fevereiro de 1987, o Diretor Pe. Manoel Claro da Costa comemora as 630 matrículas. Atuante, reintegra o colégio na comunidade, chegando a ocupar a vice-presidência da Fundação Cultural Calmon Barreto. Suas preocupações, conforme afirmou, foram as de "organizar o colégio dentro do projeto salesiano, a pastoralização da escola e a popularização".

Para ele, o primeiro item estabelecido fora alcançado, o segundo, em prática, buscava aplicar os conteúdos com visão mais humana e cristã e, o terceiro, obtinha-se através das bolsas de estudo em convênio com a Prefeitura.

Assim, consta dessa fase, a criação do curso infantil e a complementação do ensino fundamental com as 4 primeiras séries.

Retomada

No centenário da morte de Dom Bosco, em 1988, o colégio salesiano de Araxá atinge o número de 800 alunos matriculados.

Embora fosse considerada um patrimônio cultural dos salesianos e da cidade, a Capela Dom Bosco foi demolida em 1988. O colégio entendeu que esta era uma necessidade, até porque nela já não se praticavam as funções religiosas. A

proximidade com a Igreja Matriz e o alto custo que uma restauração física exigia foram argumentos favoráveis à derrubada, publicados na imprensa local.

É interessante observar que os mesmos motivos que levaram à edificação da capela, 50 anos atrás, justificaram a sua demolição.

No mesmo lugar foi construído o Ginásio Poliesportivo, inaugurado em 1995 com o cerimonial solene típico dos primeiros tempos.

O Ginásio, com suas funções culturais, é um dos elementos que fazem o "Dom Bosco de Araxá" integrar-se ao avanço transformador do final do século XX. Nesse sentido, temas como drogas e doenças sexualmente transmissíveis passam a fazer parte das discussões pedagógicas.

Em 1990 o colégio adere à paralisação das escolas particulares decorrente da defasagem das mensalidades. De forma democrática, pais e diretores reúnem-se em assembléia, fecham acordo e os estudantes retornam às aulas.

Nova Fase

Símbolo dessa nova fase, a participação no desfile de "7 de setembro" adquire um caráter "popular". Sem o uniforme de gala do passado, a pompa cede lugar às simples camisetas, cujas mensagens inscritas transmitem lições de cidadania.

O incentivo ao esporte, tradição dos salesianos, estende-se a outras maneiras saudáveis de confraternização. As festas juninas são rebatizadas como "Festas da Cultura Popular" e oportunizam os contatos no interior

da comunidade.

Em dezembro de 1991 chegou-se "a ter 1050 alunos pela primeira vez". As bases de um novo Sistema Salesiano de Educação em Escola são lançadas e o colégio readquire o seu papel. A partir desse momento vários diplomas de destaque no ensino lhe são conferidos.

Eternos Mestres

Ao longo das suas 7 décadas, o colégio tem seu dia-a-dia recontado nos Livros de Crônica. Os cronistas – geralmente os diretores – fazem as anotações sempre inserindo-as em todas as esferas que abrangem a vida humana. Não se esquecem de fazer referências aos professores que se identificaram com a obra salesiana.

Assim tem registrado, por exemplo, o falecimento da Professora Maria Auxiliadora de Paiva em 1993 e seus 22 anos de serviços prestados ao colégio. Por ocasião de sua saída em 1996, a Professora Elizabeth Ladeira mereceu o comentário: "Uma vida inteira cheia de renúncia e dedicação a quem muito deve o colégio".

Da mesma forma, a morte do sacristão Benedito Soares da Silva, irmão leigo, foi anotada com lamento.

O curso de informática inaugurou o ano letivo em 1995 e inspirou o cronista: "Dom Bosco, que teve uma visão tão clara das coisas novas, nos ajude a resgatar o prestígio e a eficácia na educação dos jovens".

Convênios

As mudanças indicaram os caminhos dos convênios. A ado-

ção do Sistema Objetivo no ensino representa a busca "da qualidade na oferta pedagógica". Fato é que, segundo a crônica, em 1997 "foi preciso recusar as matrículas pois não havia mais vagas".

O aproveitamento do espaço físico disponível tem levado à melhoria das instalações, imprimindo-lhes novo visual.

Em dezembro de 1999, Pe. Henrique Ribeiro de Brito, de volta ao Dom Bosco de Araxá, celebra seus 50 anos de sacerdócio. Tomou a frente do Encontro dos Alunos Salesianos – ENASA – integrando o passado e o presente da instituição.

O 1º ENPASA – Encontro dos Pais Salesianos e o debate político com os candidatos a Prefeito de Araxá, do qual participaram os alunos do ensino médio, foram grandes momentos do ano 2000: "Realmente, foi um aprendizado para o exercício da cidadania e de uma democracia responsável." Cidadania e Democracia são conceitos que definem atitudes indispensáveis neste terceiro milênio.

Comemorar os 70 anos do Colégio Dom Bosco de Araxá, hoje sob a direção do Pe. Adelson C. Zamboni, também é uma questão de cidadania.

Estação Memória

A pesquisa que realizamos sobre a história do Colégio Dom Bosco poderia relacionar nominalmente os padres, professores e funcionários que trabalharam na instituição ao longo dos seus 70 anos. No entanto, diante da limitação do

espaço de que dispomos, usamos o critério de nomear especialmente a primeira equipe e os diretores que estiveram à frente do colégio entre 1931 e 2001.

Eis os diretores:

- Pe. Antônio Marcigaglia: 1931-1935
- Pe. Emílio Philippini: 1936-1941
- Pe. Sílvio Satler: 1942-1947
- Pe. Alfredo Bortolini: 1948-1951
- Pe. Clóvis Vila Nova: 1952-1953
- Pe. Tércílio Chiarelli: 1954-1956
- Pe. Antônio de Almeida Agra: 1957-1959
- Pe. Tercílio Chiarelli: 1960
- Pe. Newton Ambrósio: 1961-1963
- Pe. Sylvio Bianchi: 1964-1970
- Pe. Hélio Comissário: 1971-1976
- Pe. Oscar Faria Campos: 1977-1981
- Pe. Manoel Claro Costa: 1982-1988
- Pe. Oscar Faria Campos: 1989-1994
- Pe. Geraldo Martins Lisboa: 1995-1997
- Pe. Adelson C. Zamboni: desde 1998

Fontes:

- Arquivos SAPP/FCCB.
- Livro de Tombo n°. 1. Arquivo da Igreja Matriz de São Domingos.
- Livros de Crônica n°. 1 a 4. Arquivo do Colégio Dom Bosco.

Pesquisa:

- Glaura Teixeira Nogueira Lima
- José Antônio de Ávila Oliveira
- Maria Trindade Coutinho R. Goulart

Texto:

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Lugar de Memória

Memória Fotográfica

Este é o título de mais um projeto que a Fundação Cultural Calmon Barreto desenvolve para construir a nossa memória. Trata-se de um espaço permanente criado no Museu Histórico de Araxá - Dona Beja para reunir as histórias de vida de diversos cidadãos.

Cada um deles exerceu seu papel atuando em diferentes esferas. Assim estão identificados por fotografias, dados biográficos e objetos que, em sua maioria, remetem às marcas registradas de suas personalidades.

Identidade

Os objetos foram doados pelas famílias para integrarem o acervo do Museu. Estas atitudes comprovam a credibilidade e o interesse que a instituição desperta como referência da nossa identidade.

Nos casos dos documentos doados em maior volume, apenas alguns exemplares estão expostos. Os demais, permanecerão nos arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto, acondicionados conforme as técnicas de conservação e disponíveis à pesquisa. Um exemplo deste é o acervo de João Ribeiro de Souza, doado pelo Pe. Henrique Ribeiro de Brito, seu neto.

Histórias Pessoais

Visitar uma mostra como esta é o mesmo que percorrer os caminhos de histórias pessoais, porém, inseridas no universo da comunidade. Através de fontes visuais (fotografias), fontes materiais (objetos) e fontes escritas (documentos e dados biográficos) encontramos recursos inesgotáveis para conhecermos e compreendermos nosso

patrimônio histórico-cultural.

Um museu deve promover ações culturais educativas como essas. Elas contribuem para que o cidadão conheça o passado e transforme positivamente o presente. Esta é, também, uma forma de exercer a cidadania e de contribuir para o nosso desenvolvimento social.

Eis os nomes abordados nesta etapa:

1. Abrahão Abílio Tannús
2. Abrão José Bittar
3. Agenor Braga de Araújo
4. Agnello Vieira Alves
5. Aldovando Guimarães
6. Alonso de Ávila
7. Antenor Afonso Júnior
8. Aracy Perfeito Penello
9. Armando Britto Castro
10. Armando Santos
11. Astolpho Rodrigues Valle
12. Augusto Eduardo Montandon
13. Calimério Custódio Guimarães
14. Carmosina Guimarães
15. Cassiano de Paula Lemos
16. Celso Afonso
17. Celso de Castro
18. Clóvis Cardoso Júnior
19. Daniel Henrique Pinto
20. Domingos Zema
21. Donato Pinheiro dos Santos
22. Doralice Afonso de Azevedo
23. Elias Porfírio de Azevedo
24. Emílio Philippini
25. Fernando Parolini
26. Firmo Ladislau dos Santos
27. Francisco dos Santos
28. Gabriella Pereira Goulart
29. Garibaldi Cunha
30. Heli França
31. Hélio Alves Ferreira
32. Hermantina Drummond
33. João Afonso Teixeira
34. João Amâncio
35. João Mário Tallarico
36. João Ribeiro de Souza
37. Joaquim de Paula Machado
38. José Adolpho de Aguiar
39. José Florêncio da Fonseca
40. José Franklin de Oliveira
41. José Gaspar de Affonseca e Silva
42. José Jacinto
43. Joviano Batista de Oliveira
44. Julieta Carneiro de Paiva
45. Leonilda S. Motandon
46. Lídia Bruno
47. Luiz Colombo
48. Manoel de Ávila Lemos
49. Marcos Tomasovich
50. Maria Auxiliadora Paiva
51. Maria da Conceição Soares Borges
52. Maria Salerno Melasippo
53. Mário de Castro Magalhães
54. Max Neumann
55. Milton Tomasovich
56. Octávio Fonseca
57. Pedro Pezzuti
58. Salomão Drummond
59. Sebastião de Affonseca e Silva
60. Théophilo Ferreira dos Santos
61. Waldir Luiz Costa

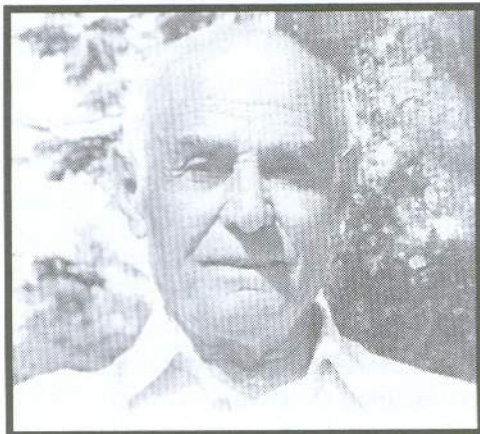
Fonte:

- Arquivos SAPP/FCCB.
- Depoimentos escritos e orais de Haideé Pinto Lemos, Iracema Duarte Guimarães, Isabel Maria Tannús, Maria Ângela de Azevedo Bittar, Maria Auxiliadora Pereira de Rezende, Maria Lúcia Santos Zema, Paulo César Afonso, Tibúrcia de Ávila Pezzuti

Pesquisa: Glaura Teixeira N. Lima
Maria Trindade C. R. Goulart

Texto: Glaura Teixeira Nogueira Lima.

ABRAHÃO ABÍLIO TANNÚS (1904 - 1989)



Chegou ao Brasil em outubro de 1927, vindo da região de Akar, Síria, onde atualmente é o Líbano. Como escreveu em sua autobiografia, o motivo da vinda foi a "intolerância sectária e religiosa", provocando "falta de espaço para a nova geração". Confessou, ainda, que esta decisão sofrera influência de seu pai, Abílio Tannús, que aqui viveu entre 1913 e 1925. Sua mãe, Sofia Jorge Tannús, nunca esteve no Brasil. A família era composta de mais dois irmãos: Isaac e Yussef.

Na Síria, a partir dos 7 anos, foi aluno em uma escola russa. Os estudos foram interrompidos com o estouro da *Primeira Guerra* e retomados, mais tarde, quando se matriculou em um colégio francês de Trípoli, cidade próxima a sua aldeia natal.

Como a maioria dos imigrantes árabes, dedicou-se ao ramo do comércio. Antes de chegar a Araxá, foi comerciante em Sacramento e na Estação de Santa Juliana, hoje Zelândia.

Em Araxá estimulou a dinamização da vida comercial, criando a *Casa dos Retalhos*, a *Exposição Araxá*, a *Galeria Araxá* e a *Casa do Kibe*, todos como resultado do empreendedorismo da família Tannús.

Foi casado com Rafa Rage, a primeira mulher, e teve 6 filhos. Viúvo, casou-se novamente com Angelina Feres com quem teve uma filha.

Da condição de comerciante bem sucedido transitou para outras áreas como a literatura, o magistério, o jornalismo, a história e à assistência social. Escreveu artigos, colaborando com revistas brasileira, francesa e árabe; participou da criação e montagem da Biblioteca Pública de Araxá; foi membro-fundador da Academia Araxaense de Letras e, ainda, foi presidente do *Rotary Club de Araxá*.

Em reconhecimento às idéias e ao trabalho do intelectual e do empresário, a Câmara Municipal de Araxá concedeu-lhe o título de *cidadão araxaense*.

ALDOVANDO GUIMARÃES (1920 - 1996)



Araxaense, suas origens familiares vinculam-se aos Porfírio Álvares Machado, aos Ribeiro da Silva, aos Botelho, aos Guimarães e aos Caputo, sendo este último o sobrenome de seu avô paterno italiano.

Filho de pai alfaiate, Avelino Custódio Guimarães, e de mãe quitandeira, Ana Porfírio, aos 7 anos já trabalhava na farmácia de seu tio, Sebastião de Affonseca e Silva onde aprendeu a manipular remédios. Assim ingressou no ramo farmacêutico, atuando por mais de 50 anos. Antes de ter o seu próprio negócio a - *Farmácia Santa Terezinha*, no *Largo São Sebastião* - chegou a residir em antigos distritos de Araxá como Argenita e Santa Juliana. Nesses lugares percorria longos caminhos a cavalo, fazia partos e atendia os doentes.

Criado em ambiente de intensa

religiosidade, logo cedo foi coroinha da Igreja Matriz de São Domingos. Aprendeu a tocar solenemente os sinos durante as missas e procissões e, na fase adulta, tornou-se um sineiro profissional.

Com o tempo passou a atender também a Igreja São Sebastião registrando, com as batidas dos sinos das igrejas, os momentos significativos do nosso cotidiano. Durante mais de 50 anos conciliou as atividades de farmacêutico e de sineiro, imprimindo-lhes fortes doses de emoção.

Casado com Iracema Duarte Guimarães foi pai de 8 filhos: Ana Maria, Aldovando Filho, Maria Cristina, Maria Inês, Maria Lúcia, José Gaspar, Avelino Neto e Flávio.

Os sinos das igrejas de Araxá repicaram ao mesmo tempo no dia em que morreu Aldovando Guimarães, o "sineiro da cidade".

CELSO AFONSO (1911 - 1971)



Nas primeiras décadas do século XX, os serviços oferecidos por uma barbearia eram considerados indispensáveis à vida dos habitantes da cidade. O barbeiro, por sua vez, significava um segmento social de forte representatividade.

Nesse cenário, Celso Afonso formou-se como um dos barbeiros tradicionais de Araxá, atuando por 40 anos aproximadamente. Ingressou muito cedo

no mundo do trabalho para colaborar com o sustento da família. Inicialmente associou-se ao colega Francisco Penello em um dos salões onde exerceu a profissão.

Mais tarde instalou o seu próprio negócio no andar térreo do Clube Brasil.

O direito de freqüentar o ambiente de um salão de barbeiro era exclusividade masculina, por isso atendia em domicílio às mulheres que lhe solicitavam cortes de cabelo como o estilo à *la garçonne*.

Não havia instrumentos e acessórios descartáveis. Com a ajuda da família uma grande quantidade de toalhas era, diariamente, lavada e passada a ferro de brasas.

Araxaense, era filho de Antônio Gregório Afonso Júnior (Tunico) e Isaura Afonso Reis (Zarica). Fez o curso primário no Grupo Escolar Delfim Moreira. Seu pai, descendente da família "Afonso de Almeida", foi professor rural.

O barbeiro Celso foi um assíduo leitor de jornais e revistas, sempre disponíveis aos clientes que freqüentavam seu concorrido salão.

Faleceu pouco antes de completar 60 anos. Casado com Guaraciaba Milagres Afonso teve 3 (três) filhos: Paulo César, Edna Jalva e Celso Tadeu.

DANIEL HENRIQUE PINTO

(1883 - 1961)



Português, nascido em Vila Nova de Poyares, distrito de Coimbra, veio para o Brasil em 1901, com dezoito anos. Teve uma infância com grandes dificuldades financeiras. Vivia com os pais, Manoel Henrique Pinto e Rosina Emília, e com os seis irmãos. Trabalhava ora colheita de uva ora na fabricação de vinho. Também vendia pães, feitos pela avó materna.

Para ter direito à passagem e à hospedagem no navio rumo a Santos, trabalhou como cozinheiro durante o trajeto. No litoral paulista sobreviveu como garçom até 1917, quando foi convidado por um amigo para conhecer Araxá. Aqui chegando, decidiu permanecer, estimulado não só pelas perspectivas de bons negócios mas também pelo fato de ter conhecido Corina Dumont. Casou-se com ela e teve seis filhos: Wilton, Celeste, Poiares, Celestina, Haideé e José.

A partir de então foi proprietário de um bar que servia refeições. Depois associou-se ao italiano Luiz Samartano em uma padaria. O passo seguinte foi abrir uma loja de variedades. Contava orgulhosamente que, em 1931, recebera em sua casa a visita de Santos Dumont, primo de Corina, que fazia estação de águas em Araxá.

Ingressou definitivamente no ramo de hotelaria em 1940. Adquiriu o "Araxá Hotel", na antiga rua Boa Vista. A família ali residia e se revezava nas tarefas diárias. O seu hotel firmou-se como opção aos viajantes e aquáticos que não podiam se hospedar no Barreiro.

Finalmente, em 1953, ele alcançou sua grande meta: construiu o *Hotel Pinto*. A inauguração do estabelecimento, em moderno e arrojado edifício, reuniu as autoridades locais para celebrarem o dinamismo e a vitória do seu idealizador.

DORALICE AFONSO DE AZEVEDO

(1906 - 1986)



Espírito filantrópico, ações solidárias pioneiras e devoção fecunda a São Vicente de Paulo são traços marcantes da personalidade de *Doralice*, uma das duas filhas de Jauneval Afonso da Silva e Alzira Afonso de Castro.

Nascida na *Fazenda da Solidão*, distrito araxaense de Nossa Senhora da Conceição, hoje Perdizes, fez seus primeiros estudos no Colégio Santa Filomena, em Araxá. No Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba fez o curso normal.

Ingressou no magistério, lecionando no Grupo Escolar Delfim Moreira e, depois, formou-se no curso de aperfeiçoamento em pedagogia em Belo Horizonte. Mais tarde, integrando a educação e a assistência social, cursou técnicas de enfermagem.

Em 1927 casou-se com o Dr. Mário Porfírio de Azevedo, cirurgião dentista, com quem teve três filhas: Dulce Consuelo, Maria Ângela e Marisa.

A consciência nítida dos problemas sociais aliada à intensa generosidade fez com que se juntasse a algumas amigas, fundando a *Associação das Damas de Caridade de Araxá*, instituição católica de caráter filantrópico.

Como desdobramento da *Associação* criou um salão de costura onde mulheres carentes aprendiam o ofício de costureira e as roupas confeccionadas eram distribuídas às famílias necessitadas. Essas e tantas outras ações

permearam o ideal que praticou durante 40 anos. Mais do que doar - o que fez com frequência - procurou promover os meios para que os excluídos socialmente conquistassem uma sobrevivência digna.

Da Associação nasceu também, em 1957, a Creche Casa de Nazaré. Foi sua primeira presidente e Diana Rosa, a primeira diretora. Criou essa creche oferecendo às mães trabalhadoras o abrigo diário, seguro e sadio para seus filhos.

Com inserção nas esferas política e econômica, respaldada pela imprensa local, reuniu formas diversas de apoio à causa social.

Ao lado da professora Leonilda S. Montandon, instituiu em Araxá, em 1967, o Serviço de Obras Sociais (SOS).

Não só Araxá se beneficiou de sua voluntariedade. Em São Paulo e Goiânia onde residiu ao deixar a terra natal, trabalhou em comunidades paroquiais ensinando culinária, economia doméstica e promovendo assistência social nas favelas.

Pouco depois de falecer em São Paulo, aos 79 anos, seus contemporâneos - através do poder público municipal - eternizaram suas ações batizando com seu nome a creche do bairro Orozino Teixeira.

JULIETA CARNEIRO DE PAIVA (1903 - 1969)



Descendente dos Carneiro de Mendonça, ela representa um dos troncos que deram origem a vários ramos familiares de Araxá. Muitos membros dessa família participaram intensamente da nossa formação rural e urbana a partir do final do século XVIII e início do XIX.

Nasceu na Fazenda Pirapetinga (município de Araxá), propriedade de seus pais, Pedro Carneiro de Paiva e Celuta de Almeida Paiva.

Para realizar os primeiros estudos deixou a fazenda e veio para a cidade. Aqui hospedou-se com o tio Veríssimo Vieira de Paiva, o *Barão Veríssimo*.

Depois do casamento com o comerciante Olímpio Pereira Marques, passou a residir no "Largo de São Sebastião" onde viveu até o seu falecimento, aos 66 anos. Teve 7 filhos: Geraldo, Oswaldo, Maria Auxiliadora, Waldir, Ieda, Júlio César e Carlos Alberto.

Saiu à frente das mulheres do seu tempo tendo ocupado por mais de 40 anos um espaço no mercado de trabalho. Ao lado do marido e dos filhos foi responsável pela *Casa Olímpio* que, durante décadas, constituiu-se em uma das mais sólidas casas comerciais da cidade.

Sem se descuidar das tarefas tradicionalmente atribuídas à mulher, conciliou a profissão de comerciante com as funções de mãe, mulher e dona de casa. Entre o balcão de mercadorias e o universo familiar onde costurava, cozinhava ou prestava assistência social, ela exerceu plenamente a sua cidadania.

LÍDIA BRUNO

- Madame Francesa -



Todos os que a conheceram ou que se acostumaram a vê-la com suas feições estrangeiras, impecavelmente vestida com rendas, sedas, meias finas, chapéu e luvas, referiam-se a ela como *Madame Lídia* ou *Madame Francesa*.

Não é possível obter dados pessoais precisos sobre a vida desta mulher que deixou sua marca na história da cidade. Tibúrcia de Ávila, sua grande amiga, revelou-nos alguns em 1985.

Provavelmente, ela teria nascido na fronteira entre a Itália e a França devido à identidade que possuía com a cultura francesa e ao sobrenome de origem italiana.

Com o marido, o alemão Emílio Hirschle, chega a Araxá por volta de 1917. O casal teria ido à Argentina, em viagem de núpcias. Ao retornar, passando pelo Brasil, estoura a Primeira Guerra Mundial e a permanência no Rio de Janeiro torna-se inevitável.

Seguindo a linha férrea chegaram até Ibiá onde adquiriram uma propriedade rural. Com a vinda para Araxá mudaram radicalmente de atividade profissional. Construíram o *Hotel dos Estrangeiros*, o primeiro hotel de porte do Barreiro, mais tarde, vendido e transformado em *Hotel Rádio*.

QUEM FOI QUEM

Dr. Waldir Luiz Costa

Um homem de idéias, de letras e de leis

(1917 - 1982)

"Sou um paroquiano de São Sebastião, vindo do antigo testamento. Minha infância se passou fazendo piruetas na saliência dos alicerces da histórica igrejinha e nas peladas no largo, onde se reunia a criançada, sempre alegre e sempre alerta na defesa das tradições da molecada do meu tempo".

Conforme ele próprio escreveu, em crônica publicada no *Correio de Araxá*, o cenário em torno da Igreja São Sebastião marcou profundamente suas lembranças e as de muitos meninos que ali viveram a infância.

Como tantas outras crianças, ele estudou no então *Grupo Escolar Delfim Moreira*, à época dirigido por D. Alice Moura, sua madrinha. Ali foi aluno de Luíza Mello, Carmosina Guimarães e Luíza de Oliveira Faria.

Seus pais, Clarimundo Baptista da Costa e Dímpina de Paiva Teixeira, pertenciam a duas das antigas famílias que aqui se fixaram desde a formação da *Vila de São Domingos do Araxá*. Com as contínuas subdivisões das propriedades rurais repartidas entre muitos filhos e com a valorização do espaço urbano, os membros destes dois ramos voltaram-se para outras atividades.

Assim estiveram, na sua maioria, tradicionalmente ligados às funções públicas e administrativas. Participaram de irmandades religiosas, associações esportivas e exerceram cargos políticos.

A título de curiosidade pode-se associar uma das ações comunitárias dos Baptista da Costa à história do *Centro Católico de Araxá*. Clarimundo, seu pai, teve o nome incluído entre aqueles que colaboraram, em 1915, para a aquisição da *cruz com a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo* que hoje se encontra no Fórum de Araxá. Esta iniciativa representou, na época, o elo entre dois imensos poderes: a religião e a

justiça. Aos seus empreendedores conferiu prestígio social.

Origem Familiar

Estudar a origem e as tendências familiares de Waldir Luiz Costa é essencial para entender a sua trajetória como homem das leis, das idéias e das letras. Ainda mais se considerarmos que ele viveu num tempo de restrito acesso às informações e às oportunidades.

No início do século XX Araxá transitava lentamente de uma sociedade rural para a urbana. O caminho para deixar de ser "provinciana" e tornar-se cosmopolita passava, obrigatoriamente, pelo uso ideal dos recursos disponíveis no Barreiro.

Ainda assim, a subsistência de sua família, bem como a da maioria da população, esteve submetida às opções que uma cidade do porte de Araxá podia oferecer. Nesta época assistia-se ao predomínio do saber como meio de prosperidade e de ascensão.

Dentro do seu universo familiar o menino Waldir iria representar fielmente este papel, crescendo ao lado dos oito irmãos: José Baptista Sobrinho, Francisco Baptista Sobrinho, Maria da Conceição de Paiva Costa (Lília), Vantuir Baptista da Costa, Valter Baptista da Costa, Dalva de Paiva Costa, Dirce de Paiva Costa e Luzia de Paiva Costa.

Prosseguiu os estudos no Colégio Dom Bosco de Araxá integrando, em 1936, a primeira turma de formandos do curso ginásial. Nesse período sobressaiu-se como



Dr. Waldir Luiz Costa. Sem data. (Acervo da família).

líder e orador. Despertou a admiração do então diretor do colégio, Pe. Antônio Marcigaglia, que constatou nele as qualidades de um excelente aluno.

Ao deixar Araxá, Pe. Marcigaglia levou-o consigo para São Paulo onde continuou os estudos no *Lyceu Coração de Jesus*. De aluno passou à condição de professor no mesmo *Lyceu*.

Formação Salesiana

A formação salesiana é nitidamente visível na sua postura de cidadão, de profissional e de homem dedicado à família. Os valores humanos que recebeu foram manifestados nas atitudes que praticou ao longo da vida pública e também da particular. Na literatura que produziu, inúmeras vezes expressou a influência recebida do "apóstolo da juventude": "... Tenho uma alma salesiana, ex-aluno que sou daqueles bons missionários que vieram de Turim, ainda tocados do calor dos carismas de Dom Bosco".

Política Estudantil

Em São Paulo ingressou na tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Reduto de cabeças pensantes, deve-se aos seus bacharéis o início do movimento republicano no Brasil. Foram eles que criaram, inclusive, a expressão *república* para denominar a moradia de estudantes.

Assim, como aluno da São Francisco liderou, em 1942, manifestação contrária ao autoritarismo de Getúlio Vargas. Neste episódio histórico da República brasileira, ele foi o orador que se pronunciou durante o enterro simbólico do então presidente.

A política estudantil rendeu-lhe, com isto, a cassação dos seus direitos como universitário. Suas convicções o obrigaram a deixar o quinto ano de Direito, a um mês da formatura, para recomeçar a vida.

Família

Retornou à terra natal para lecionar no Colégio Dom Bosco.

Neste período casou-se com a araxaense Jovelina Alves com quem teve 4 filhos: Vera Lúcia, Maria Stuart, Waldir Luiz (que fa-



Dr. Waldir Luiz Costa e Jovelina Alves Costa no dia do seu casamento. 02/02/1943. (Acervo da família).



Dr. Waldir Luiz Costa assinando o termo de posse de prefeito de Araxá em 1947. (Acervo da família).

leceu pouco depois de nascer) e Isabel Cristina.

Acompanhando os passos promissores do ex-aluno, Pe. Marcigaglia indicou-o para assumir a direção do Colégio Diocesano do Planalto, em Formosa (GO). Lá viveu com a família por dois anos.

Vida Pública

De volta a Araxá ingressou na vida pública. O Brasil assistia ao retorno da democracia após a ditadura do Estado Novo. Frutos da reforma político-partidária, formaram-se, entre outros, os grandes partidos: PSD (Partido Social Democrata), UDN (União Democrática Nacional) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

Ao lado de nomes como Geraldo Porfírio Botelho e Argeu Alves da Costa, ele formou o cérebro e o rosto da UDN local.

Entre 1946 e 1949 foi vereador, prefeito de Araxá e diretor das Termas.

Como líder político arrebanhou forças, lutou contra interesses diversos e levou o candidato descreditado, Milton Campos, a imaginar, durante um comício em Araxá, que poderia ser eleito governador de Minas Gerais em 1946. Isso de fato aconteceu.

Como diretor das Termas do Barreiro – à época, um cargo de grande representatividade política – acenou com novo olhar para a realidade turística que se vivia. Sentiu, então, a necessidade de escrever sobre a

história de Araxá com ênfase no turismo e no termalismo. Assim nasceu *Araxá, da Maloca ao Palácio*, um clássico da historiografia local.

Mais uma vez a política alterou o rumo da sua história pessoal. A ascensão política do PSD e o contato mantido anteriormente com Goiás o levaram para Goiânia em 1950. Fez novamente o curso de Direito, desta vez, na Universidade Federal de Goiás.

Magistério

A partir daí ingressou definitivamente no magistério. Foi professor de ensino secundário e superior em vários colégios e faculdades da capital goiana. Lecionou disciplinas como Português, Francês, História Geral, História da Literatura, História das Doutrinas Econômicas, Economia Política, Direito Comercial e Direito Civil.

Atingiu o apogeu da vida acadêmica, obtendo o título de doutor em Direito e, posteriormente, defendendo tese de Livre-Docência. Nesta condição foi professor titular de Direito Comercial da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás. Pela mesma faculdade coordenou o curso de especialização em Direito Civil.

Em outras esferas afins atuou com o mesmo êxito. Paralelamente ao magistério foi advogado, escritor e jornalista. Assumiu inúmeros cargos e funções públicas:

- Procurador Geral da Fazenda junto ao Tribunal de Contas;
- Membro do Instituto Histórico e

Geográfico de Goiás;

- Conselheiro da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Goiás;
- Membro do Conselho Estadual de Educação de Goiás;
- Membro do Conselho Técnico;
- Membro da Fundação Cultural de Brasília;
- Procurador da Mitra de Goiânia;
- Coordenador e redator principal da Revista *Finanças e Orçamento* do Tribunal de Contas do Estado de Goiás;
- Membro da Academia Goiana de Letras;
- Sócio-honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Recebeu medalhas e condecorações:

- Comendador da Ordem de São Gregório Magno, título conferido pelo Papa Paulo VI, através da Secretaria de Estado do Vaticano, pelos serviços prestados à Cúria Metropolitana de Goiânia;
- Medalhão Comemorativo do Centenário de Nascimento de Alberto Santos Dumont, concedido pela Comissão de Alto Nível do Ministério da Aeronáutica, pelos estudos e pesquisas históricas realizados;
- Cidadão Honorário de Formosa (GO).



Dr. Waldir Luiz Costa e irmãos. Em pé, da esquerda para a direita: Dirce, Valter, Vantuir e Luzia. Sentados, da esquerda para a direita: Dalva, José Batista, Lilia e Francisco. (Acervo da família).

Publicou obras:

- *“Araxá, da Maloca ao Palácio”*;
- *“Alguns Aspectos da Ordem Econômica e Social da Constituição de 1946”*;
- *“Sociedade Anônima de Capital Aberto”*, tese de concurso e doutoramento;
- *“Personalidade Jurídica das Dioceses”*;
- Centenas de artigos e crônicas publicados em jornais e revistas.

Imortal

Quando ingressou na *Academia Goiana de Letras*, por unanimidade de votos, sua eleição e posse receberam intensa cobertura da imprensa do Estado de Goiás.

A oratória foi uma das faces eminentes de sua vida profissional e pública. São notáveis seus discursos como tribuno da Câmara Municipal de Araxá, como prefeito de Araxá, como estudante, advogado ou professor submetido às rígidas bancas examinadoras ou, ainda, como *imortal* das letras.

Filho de seu tempo, pertenceu a uma geração que se dedicava ao estudo de temas diversificados, ao contrário da tendência atual de especialização.

Essa versatilidade pode ser comprovada por uma série de artigos que escreveu para o *Correio de Araxá*, nos anos 60, 70 e início dos 80.

A leitura dos seus textos revela a condição de “mestre lúcido” com que foi consagrado. Neles tratou de economia, política nacional e internacional, direito, assistência social, educação, tradições culturais, religião, filosofia, história, agropecuária, industrialização e diplomacia. Muitos outros temas, incrivelmente atuais, como meio ambiente, auto-ajuda e desenvolvimento científico foram abordados com extrema propriedade.

Sobre a comemoração dos 50 anos do Colégio Dom Bosco de Araxá, escreveu:

“... O ensino, até então, era um privilégio de ricos, concentrado em alguns poucos colégios, que funcionavam como correspondentes do Pedro II pelo interior do país afora, a preparar candidatos que seriam submetidos a exame de uma banca oficial de professores despachados do Rio de Janeiro (...)”.

Raízes

Assim, o menino que nascera na pacata Araxá em 30 de abril de 1917, mesmo distante, mas em pleno vigor intelectual, arriscou opiniões, hoje visíveis, sobre o destino político e econômico da terra natal.

Faleceu em Goiânia, em 1982, onde desfrutava do convívio com as netas Eleonora, Lorena, Mariana, Elizabeta Maria, Thaís e Sílvia. Sem tempo, porém, para ver nascer o único neto, Waldir Luiz.

Contudo conviveu semanalmente com os araxaenses e com a vida de Araxá, ainda que fosse através das páginas do *Correio*. Talvez, por isso, tenha escrito certo dia: “Não se procure no araxaense ausente outra coisa que não seja a saudade”.

Fonte:

Arquivos SAPP/FCCB.
Acervo da Família Waldir Luiz Costa.
RESENDE, Antônio Alvarenga de. *Waldir Luiz Costa, um Verão de Plutarco, um Condutor de Gerações*. Araxá, 1996.

Pesquisa e Texto:
Glaura Teixeira Nogueira Lima.

Estação Memória

Dom José Gaspar de Affonseca e Silva
Orgulho de Araxaense, Mineiro e Paulista
100 anos de nascimento

Quando, em agosto de 1993, eram comemorados os 70 anos da primeira missa rezada pelo então Padre José Gaspar, *O Trem da História* (edição n. 10, p. 3) registrou a data, dedicando um espaço ao araxaense que se notabilizou como Arcebispo de São Paulo.

Neste ano de 2001 completou-se um século do seu nascimento. Nada mais apropriado do que reviver a sua história de vida.

Nascido nos primeiros dias de 1901- em 6 de janeiro, dia de Reis- teve o próprio nome herdado da fé católica da família.

O pré-nome José foi escolhido pelos pais, Sebastião de Affonseca e Silva e Prozolina Porfírio Affonseca e, *Gaspar*, em alusão a um dos reis magos de quem sua madrinha e tia-avó, Bernardina Leopoldina de Jesus, era devota.

Em um ambiente familiar, permeado por intensa religiosidade, viveu e cresceu o menino que seria sacerdote (1923), professor (doutorou-se em Direito Canônico pela Universidade de Roma (1927) e reitor do Seminário Central da Imaculada Conceição.

Em Araxá, a festa de Nossa Senhora d'Abadia programada para agosto de 1923 teve um grande atrativo. O padre José Gaspar retornava à terra natal, compartilhando sua fé com os araxaenses.

Durante os preparativos, a imprensa registrou:

"Sabemos que esta festa, a começar-se no dia 6 do mez proximo, vae ser feita com toda a pompa possivel, visto ser esperado por essa ocasião o novo sacerdote e nosso querido conterraneo, padre José, filho do Sr. Sebastião d'Affonseca, o qual vem acompanhado de diversos sacerdotes e muitos outros amigos, todos de destaque social de São

Paulo. Para brilhantismo da festa foi contractado o maestro Abdias R. dos Santos, afim de organizar uma orchestra e dirigir toda a parte musical da festa. Já temos assistido os ensaios da referida orchestra e podemos garantir que jamais se fez cousa igual em o nosso meio, pois, além de um conjunto orchestral bem organizado e escolhido, o maestro Abdias organizou um côro composto de 30 senhoritas, mais ou menos, reforçado ainda pelas vozes dos srs. Nicolau Schiffini, padre Elias Danso, padre Leonel de Braga e maestro Abdias."

Os degraus de sua carreira religiosa foram alcançados, um a um, por mérito estritamente pessoal. Os especialistas brasileiros, em história da religião católica, não se cansam de valorizar o fato de um religioso que, mesmo não sendo paulista, chegou ao topo do Arcebispado de São Paulo.

Antes de ser designado Arcebispo de São Paulo (1939), o mineiro de Araxá foi também Bispo (1935).

A sua atuação como líder do catolicismo pode ser comprovada pelos livros que foram produzidos por bispos que acompanharam a sua carreira. Existem 3 livros publicados, além do seu acervo pessoal, organizado por seu pai, todos sob a guarda da Fundação Cultural Calmon Barreto e disponíveis para pesquisa.

Em 1942 organizou o IV Congresso Eucarístico Nacional. Dedicou sua vida ao êxito do evento e morreu um ano depois, em acidente aéreo, quando chegava ao Rio de Janeiro.

A sua morte prematura (1943) levou à comoção milhares de pessoas que assistiram ao seu

funeral em São Paulo. O acontecimento ganhou a cobertura da imprensa nacional. Os principais jornais e revistas brasileiros lamentaram a perda de um expoente do catolicismo no Brasil.

Hoje, o filho ilustre de Araxá está incorporado ao imaginário dos paulistas. Ele dá nome a uma conhecida praça de São Paulo. Também no belo Museu de Arte Sacra podemos encontrar referências sobre o nosso conterrâneo. Sua máscara mortuária está eternizada na Cúria Metropolitana de São Paulo. Em Araxá, o nome de uma das nossas ruas centrais e o da importante escola estadual de ensino médio são evidências que, diariamente, nos permitem rememorá-lo.



Dom José Gaspar, Bispo de Barca, em companhia de seus primos: Padre Alaor Porfírio, Padre Jacintho Fagundes e Padre Crisóstovo Porfírio. 07/05/1935. Arquivo SAPP/FCCB - 00475. (Doação: família Affonseca e Silva).

Fonte:

Arquivos SAPP/FCCB.
MINAS BRASIL. Araxá, n.119,
29/07/1923, p. 3. Arquivo SAPP/FCCB.

Pesquisa e Texto:
Glaura Teixeira Nogueira Lima.

A TECELAGEM MANUAL

Autenticidade e tradição

Ao passar por Araxá, em 1819, o cientista francês Auguste de Saint-Hilaire registrou a produção de tecidos com lã de carneiro em teares manuais. Chamou-lhe a atenção o uso constante desses tecidos pelos habitantes da região.

A confecção de panos rústicos para roupas e outros artigos tem a sua origem no trabalho manual. Nos tempos em que as fazendas se auto-sustentavam, ali produzia-se o necessário à vida doméstica como os utensílios da casa e o vestuário dos seus moradores.

Em meados do século XIX, os tecidos de algodão produzidos em Araxá também mereceram a referência do pesquisador Saint-Adolphe. Ele chegou a afirmar que esses produtos eram, inclusive, exportados para as regiões vizinhas.

Tecelagem

A Fundação Cultural Calmon Barreto, desde a sua criação em 1984, mantém um núcleo artesanal cuja finalidade é a de preservar esta manifestação cultural expressiva impedindo a sua extinção.

O Setor de Artesanato e Cursos Livres é o responsável pelo resgate da tradição trabalhando para formar artesãos e gerar empregos que contribuam para o aumento da renda familiar.

Na sua oficina são produzidos tecidos (com repassos e bordados), colchas, toalhas e outras peças através de um processo totalmente artesanal. Este processo parte da retirada da lã do carneiro, passa por lavagem, cardação, fiação e tintura até a sua produção final.

Tapete Killin

Visando à diversificação das atividades e a sua viabilidade econômica foi introduzido o ponto *Killin* para tecer tapetes.

A técnica desse ponto, de origem persa, foi adaptada pela primeira vez ao tear mineiro por Henrique Natal Vieira.

Desde então, os tapetes *Killin* saídos da oficina da Fundação Cultural Calmon Barreto têm despertado grande admiração e interesse. Eles são confeccionados com pura lã, fiada à mão, tingida em tacho de cobre, no fogão a lenha.

Comercialização

Todas estas atividades são desenvolvidas à margem da plataforma do trem de ferro, já que o prédio que as abriga foi, no passado, a Estação de Ferro Oeste de Minas.

O artesanato produzido na oficina é comercializado em uma loja anexa, especialmente instalada para isso. Na oficina e na loja há permanente busca da mais genuína tradição local e, por isso, ambas são um grande atrativo para os visitantes.

PROCESSO DE TECELAGEM ARTESANAL

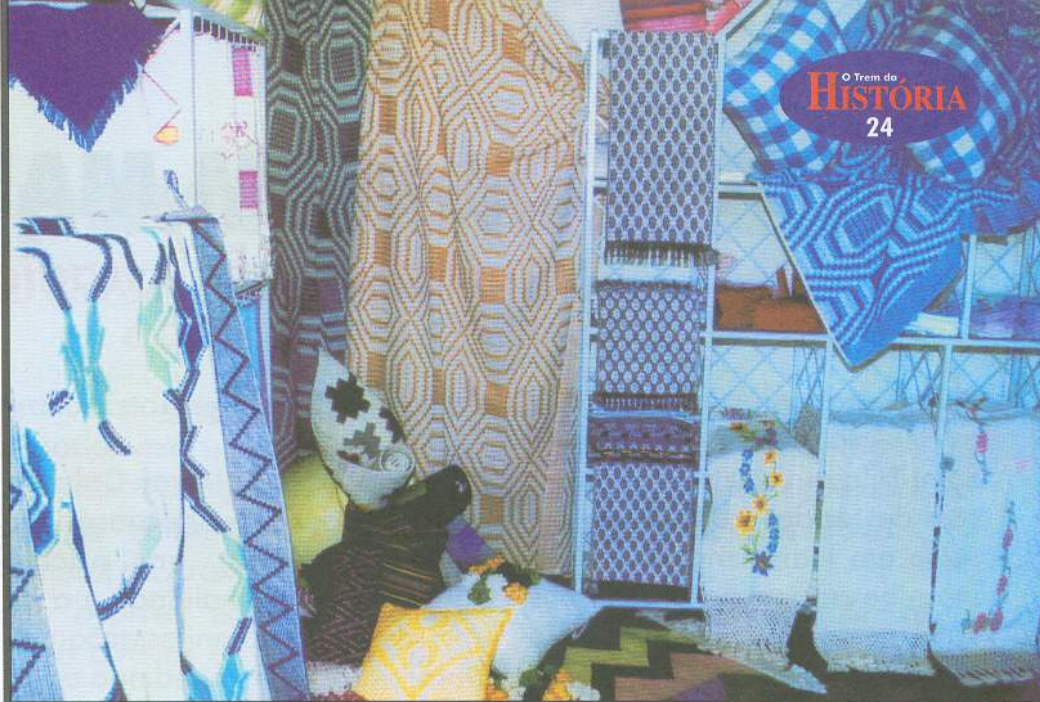
1-Tosquiar o carneiro (de cada carneiro obtém-se 700/800 gr. de lã). A Fundação Cultural Calmon Barreto adquire a lã de grandes criadores de carneiro.

2-Lavar a lã.

3-Limpar a lã (retirada de impurezas).



Interior da oficina de tecelagem, onde se vêem os teares, as lãs cardadas, a roda de fiar e (...) as artesãs: Dora, Irene, Sueli e Carminha. 2000. (Arquivo SAPP/FCCB).



Interior da loja de artesanato da Fundação Cultural Calmon Barreto, onde os produtos são comercializados. 07/06/2001. (Arquivo SAPP/FCCB).

4-**Cardar**: formar a pasta ao ponto ideal para fiar.

5-**Fiar**: transformar a pasta em fio. Processo obtido através da **roda de fiar**.

6-**Passar** o fio para a **dobadoura** e fazer a meada (mecha = feixe ou torcida de fios) para evitar que a lã se arrebeunte ou se embarace.

7-**Tingir**: o processo de tingimento é feito com plantas naturais ou com tintas industrializadas, em tacho de cobre ou de alumínio (para evitar ferrugem).

8-**Retornar** a lã à dobadoura e fazer o novelo.

9-**Urdir** o fiado (de algodão ou de lã) para se obter a metragem (o comprimento e a largura) do tecido a ser produzido. Esse processo é realizado na **urdideira**. A largura é obtida a partir de uma unidade de medida própria para o tecido, denominada **cabrestio** da qual é feita uma **trança**.

Exemplo: 1m = 1 vara

1 cabrestio = 1 volta completa de 24 fios

OBS: A **urdideira** tem 2 (duas) peças. Uma se chama **casal**: é própria para colocar os novelos. A segunda peça chama-se **espadilha**: é uma régua de madeira com perfurações próprias para passar o fio.

10-Levar a trança para o tear. Dividir os cabrestios no **rastelo**

ou "rastelho" (peça de madeira com pregos a cada 2 cm) e enrolar os fios no **órgão** (peça de madeira do tear).

11-**Passar** os fios, um a um, dentro do **liço**, de acordo com o repasso. Esse processo é conhecido como **repasso**. O **liço** é formado por 8 réguas (ou 4 folhas) de madeira separadas por uma trama de algodão. Em caso de trabalho com desenho, os fios são repassados, também, um a um, mas no momento do repasso tem início a definição do desenho a ser tecido.

12-**Passar** os fios (2 a 2) do liço para o **penete**. O **penete** é uma peça feita por tiras de bambu dispostas uma ao lado da outra.

13-**Colocar** o penete na **queixa** (peça de madeira do tear), amarrar os fios na **régua de madeira**.

14-**Começar a tecer**. Para tecer

o pano liso amarrar cada folha (2 réguas) do liço em cada pedal. Um tear possui 4 pedais. De acordo com repasso-tecido com desenho—deve-se acionar os 4 pedais e as 4 folhas e assim, definir a trama final. As mãos são utilizadas para atirar a **lançadeira** e puxar a **queixa**.

Referências Bibliográficas:

TECELAGEM MANUAL no Triângulo Mineiro - Uma abordagem tecnológica. Brasília: MEC, SPHAN, 1984.

SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet de. Araxás. In: *Diccionario Geographico, Histórico e Descriptivo do Império do Brazil*. Pariz: Aillaud, 1845.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem às nascentes do rio São Francisco*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1975.

Fontes:

Arquivos do SAPP/FCCB.

Depoimentos: Celina Aparecida Duarte e Henrique Natal Vieira, artesãos.

Pesquisa e Texto:

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Casas São Jorge

FUNDADA EM 1.931

JORGE AKEL & CIA. LTDA.

Rua Dr. Franklin de Castro, 225 - Fone: 3661-2202
Rua Olegário Maciel, 195 - Fone: 3661-2046

ORGANIZAÇÃO
SOCIAL de LUTO

SÃO JOSÉ

Rua Presidente Olegário Maciel, 845
Fone (34) 3662-2060
CEP 38180-000 - Araxá-MG


PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS SOCIAIS



WELLINGTON BARCELOS & CIA LTDA.
AV. PREF. ARACELY DE PAULA, 1730 - ARAXÁ-MG



Rua Mariano de Ávila, 167



ASSOCIAÇÃO DOS RURALISTAS DO ALTO PARANAÍBA



Praca Arthur Bernardes, 25 - Telefone: 3662-3682 - Araxá

SALÃO TEREZINHA

Terezinha (Cabelereira)
Filó (Depilação)
Cida (Manicure)

FONES: (34) 3661-2465 - 3662-1616

R. CAP. CHAVES, 55 - ARAXÁ - MG

MADEIREIRA

FRANÇA



tuage

- TRANSPORTES
- INDÚSTRIAS E COMÉRCIO
- PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS
- LOCAÇÃO DE EQUIPAMENTOS

Avenida Arafétil 700
Telefax Dxx34 3662-1779
tuage@zaz.com.br



PEG-PAG

TEM DE TUDO (QUASE...)

VENDE POR MENOS

Rua Presidente Olegário Maciel, 797

Araxá / MG

Fone: 3661-4245



Vigilância Eletrônica 24 horas

3661-7000



Pinholdt
Fotógrafo Profissional
Reinaldo Finholdt Júnior
Cel. (034) 9108-0067 Tel. (34) 3661-6178



ELETROZEMA

De um início casual a um caso de sucesso.

A história da Eletrozema começou quase que por acaso há 25 anos, quando o empresário Ricardo Zema adquiriu uma concessionária de veículos revendedora da Chevrolet. Na época, detinha as marcas Dako e Frigidaire e lhe foi proposto também um negócio no ramo de eletrodomésticos. Assim foi fundada a primeira loja Eletrozema em Araxá, na avenida Getúlio Vargas, onde funciona hoje o Consórcio Zema. Em 1989, a Eletrozema contava com 4 lojas, em Araxá, Ibiá e Sacramento. A grande expansão da empresa aconteceu na década de 90. Desde então o crescimento da rede foi constante. Um outro grande impulso ocorreu em 1998, quando foram abertas num único dia cinco lojas adquiridas de uma rede de lojas de Divinópolis. A credibilidade e a confiabilidade do Grupo Zema e o Plano de Fidelização de Clientes implantado pela empresa, voltado para o pós-venda, mantém os clientes sempre próximos da rede. Neste ano, a empresa completou 25 anos de atividade, contando hoje com 45 lojas em Minas Gerais e interior de São Paulo, com previsão de faturamento para 2001 de R\$ 65 milhões. Uma história de sucesso escrita com muito trabalho, dignidade e idealismo.



Fazendo sua Família Feliz.



Núcleo Educativo

Monteiro Lobato



Ensinando a gostar de aprender.

Maternal a 8ª série.

MATRÍCULAS ABERTAS PARA 2002.

TELEFAX: (34) 3661-5346
RUA THIERS BOTELHO, 386